

ENTRE A HISTÓRIA E A MEMÓRIA: A INVENÇÃO DO BANDEIRANTE FERNÃO DIAS PAES E O MOSTEIRO DE SÃO BENTO (SÃO PAULO)

Alberto Luiz Schneider
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
alberto.ls@uol.com.br

As representações dos tempos coloniais, historiográficas ou artísticas, não apenas mudaram ao longo do tempo como também não foram unívocas. O significado da imagem dos sertanistas de São Paulo dos tempos coloniais mobiliza tanto a historiografia sobre o período colonial¹ como o pensamento histórico voltado às representações historiográficas, artísticas e museológicas do passado, fundamentalmente o Museu Paulista, como instituições de memória².

Nas três primeiras décadas do século XX, a representação de São Paulo colonial, tanto nos textos como nos monumentos, buscou personagens singulares, com nome e sobrenome: sobretudo, sobrenome. Essa construção ecoava o próprio paradigma historiográfico então reinante, fundamentado nos efeitos individuais, na história nacional e na exemplaridade dos grandes homens³. Em torno de 1922, ano do Centenário da Independência, nenhum nome se compara ao de Fernão Dias Paes Leme (1608-1681)⁴ em termos de construção de memória. O Mosteiro de Bento não ficou de fora desse esforço.

Para entender o prestígio dessa figura histórica precisamos voltar à década de 1920. Naquele momento, a liderança da velha elite paulista começava a ser questionada, como as insatisfações sociais demonstram – entre elas a greve de 1917 e a emergência do movimento operário –, bem como as agitações militares, como o tenentismo e a revolta militar de 1924. Os imigrantes, vale lembrar, eram cada vez mais numerosos, alguns deles já detentores de novas fortunas. Era preciso lembrar aos novos paulistas o valor dos antigos. É nesse contexto que surge um profundo

¹ Para uma introdução atualizada sobre a expansão paulista e das bandeiras, ver as obras de SOUZA, 2006; SANTOS, 2017; MONTEIRO, 1994 e BLAJ, 2000.

² Há considerável oferta bibliográfica sobre as representações bandeirantes na historiografia, nas artes e na museologia. Sobre o assunto, ver as obras de ABUD, 1985; QUEIROZ, 1992; BREFE, 1999; OLIVEIRA, 2000; MAKINO, 2003; FERREIRA, 2002; ANHEZINI, 2006; MARINS, 2007, pp. 77-104.

³ Sobre o assunto, ver: DOSSE; DELACROIX; GARCIA, 2013.

⁴ De acordo com a documentação de época, o bandeirante chamava-se Fernão Dias Paes, sem o Leme. Embora fosse aparentado do Leme, uma prestigiosa família patricia da época TAUNAY, 1931. pp. 11-18.

investimento de memória em torno dos “bandeirantes”. A construção da memória de Fernão Dias, tomando-o como o grande sertanista de São Paulo colonial, é anterior a própria historiografia construída pelos historiadores reunidos em torno do Instituto Histórico Geográfico de São Paulo (IHGSP), Afonso de Taunay (1876-1958) à frente. Já em 1902, o poeta Olavo Bilac (1865-1918), um dos mais reputados escritores de seu tempo escreveu o poema “O caçador de Esmeraldas”⁵, que encontrou em São Paulo entusiástica recepção.

A morte de Olavo Bilac, em 28 de dezembro de 1918, causou grande comoção pública em função da projeção que o poeta havia obtido por meio de suas obras, mas também pela militância “patriótica” e cívica que assumira. Em 1915, Bilac havia discursado na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, o que inspirou a criação de associações patrióticas, entre elas, a Liga Nacionalista, fundada em 1916. A agenda política que animava o grupo, vinculado aos fragmentos mais escolarizados da elite paulista, empenhava-se em defender o “programa de reforma das práticas políticas nacionais por meio da educação, do cumprimento das normas eleitorais e da garantia da integridade do voto” (HANSEN, 2015, p. 125).

Menos de um ano após sua morte, a Câmara Municipal de São Paulo autorizou a abertura de crédito para auxiliar a construção de um monumento em homenagem a Bilac. O projeto contou com o apoio do então prefeito da cidade de São Paulo, Washington Luís, um homem altamente interessado na construção do glorioso passado paulista⁶. Foram obtidos recursos adicionais por meio de campanha organizada por Frederico Vergueiro Steidel, um dos dirigentes da Liga Nacionalista, contando com intenso apoio e divulgação do jornal *O Estado de S. Paulo*. O

⁵ “Foi em março, ao findar das chuvas, quase à entrada / Do outono, quando a terra, em sede requeimada, / Bebera longamente as águas da estação, / - Que, em bandeira, buscando esmeraldas e prata, / À frente dos peões filhos da rude mata, / Fernão Dias Pais Leme entrou pelo sertão.” Ver poema completo em: BILAC, 2002. pp. 37-55.

⁶ Washington Luís Pereira de Sousa (1869 – 1957), antes de fulminante carreira política, que o levaria a presidência da República (1926-1930), foi membro do IHGSP e escreveu sobre História. Washington Luís foi prefeito de São Paulo (1914- 1919) e posteriormente presidente do Estado (1920-1924). Por sua iniciativa, o Arquivo Municipal, de São Paulo iniciou, em 1914, a publicação das *Atas da Câmara Municipal de São Paulo*. Três anos mais tarde, em 1917, foi publicado o *Registro Geral da Câmara Municipal de São Paulo*. Já em 1920, o Arquivo do Estado deu início a publicação dos *Inventários e Testamentos*. A publicação dessa extraordinária massa documental fez parte de um conjunto de esforços que visava promover o passado (e o presente) de São Paulo. Sobre Washington Luís, ver a biografia de Célio Debes (1993) em dois volumes.

monumento, encomendado ao escultor sueco William Zadig, foi inaugurado a 7 de setembro de 1922, nas comemorações do centenário da Independência.

Instalado na Avenida Paulista, próximo à Rua da Consolação, o monumento era composto por um conjunto de esculturas, com cinco obras em bronze, em referência a Olavo Bilac e alguns de seus poemas mais célebres: “A tarde”; “O caçador de Esmeraldas”; “O beijo eterno”; e “Pátria e Família⁷” (HANSEN, 2015, p. 130). O conjunto foi removido em meados dos anos de 1930, em meio a reformas urbanas. Duas décadas mais tarde, o busto de Fernão Dias e Borba Gato, intitulado “O Caçador de Esmeraldas”, foi transferido para a Escola Estadual Fernão Dias Paes, em Pinheiros. Fundada em 1948 como Ginásio Estadual de Pinheiros, a escola foi rebatizada em 1950 em homenagem ao bandeirante (WALDMAN, 2018, p. 136).

Figura 1: Reprodução digital de foto do monumento em homenagem a Olavo Bilac, 1923.



FONTE: NASCIMENTO, Douglas. “Monumento a Olavo Bilac”. In: *São Paulo Antiga*, 28 mai. 2015. Disponível em: <<http://www.saopauloantiga.com.br/monumento-a-olavo-bilac/>>. Acesso em: 26 set. 2018.

O Museu Paulista, muito mais do que o extinto monumento da Avenida Paulista, foi quem mais promoveu a imagem heroica de Fernão Dias. Com vistas ao Centenário da Independência, em

⁷ O monumento não resistiu mais do que uma década, principalmente pelo fechamento da Liga Nacionalista, em 1924. Em 1935, o jornal *A Gazeta* já anunciava a retirada do monumento, afirmando que há tempos essa era a vontade, pois “não estava mais à altura da educação artística de S. Paulo”, além dos projetos urbanísticos do prefeito Fabio Prado.

1922, Afonso de Taunay, diretor do Museu Paulista (1917-1945), encomendou ao escultor Luigi Brizzolara duas grandes estátuas esculpidas em mármore de Carrara, ambas com cerca de três metros e meio de altura. São elas *Antônio Raposo Tavares*, representando o “ciclo da caça ao índio” e Fernão Dias, simbolizando o “ciclo do ouro”. Os gigantescos bandeirantes ocupam as paredes laterais do museu, ao pé da escadaria principal. Com tamanho, gestos e corpos vigorosos, eles sintetizariam, como destacou o próprio Taunay, as figuras máximas do movimento das entradas e da conquista do território nacional. O objetivo foi combater a “densa treva” que encobriria as ações e a personalidade dos bandeirantes (TAUNAY, 1926). A reabertura do Museu durante as comemorações de 1922 foi descrita por Taunay como o pagamento de “uma grande dívida” com os homens do Planalto Paulista que venceram o meridiano de Tordesilhas rumo ao longínquo Oeste. No texto da placa comemorativa, no pedestal da estátua, vemos as seguintes inscrições:

Fernão Dias Paes Leme (1608-1681)
Governador das Esmeraldas
Devassa terras do Paraná (1636-1660)
Mato Grosso (1658)
Minas Gerais e Bahia (1671; 1674-1681)
Rio Grande do Sul e do Uruguai
Prestando serviços imensos
à obra do desbravamento do Brasil
e da descoberta das Minas.

Figura 2: Reprodução fotográfica da escultura de Fernão Dias Paes Leme (mai. 2018), localizada no Museu Paulista.



FERNÃO Dias (Luigi Brizzolara). Acervo do Museu Paulista

Não é a proposta deste texto analisar os monumentos que Afonso de Taunay encomendara ao escultor italiano Luigi Brizzolara, mas sim destacar o papel do Museu Paulista na construção da memória bandeirante⁸. Ainda na década de 1920, o pintor fluminense Antônio Parreiras pintou *A morte de Fernão Dias*⁹, o que apenas confirma a centralidade desse personagem na imaginação histórica desse período. Os instrumentos discursivos voltados à produção de uma memória de Fernão Dias são portadores de uma longa historicidade e multiplicidade de suportes, linguagens e significados. A década de 1920 esteve longe de esgotar esse processo.

Nas décadas seguintes, narrativas sobre a vida do sertanista chegaram ao cinema. Em 1934, o cineasta Vittorio Capellaro (1877-1943) realizou o filme *O Caçador de Diamantes*, dedicado a Fernão Dias¹⁰. Em 1940, sob patrocínio do INCE, órgão estatal de fomento ao cinema do Estado Novo, Humberto Mauro (1897-1983) realizou o filme *Os bandeirantes*, sendo um dos episódios

⁸ Sobre os monumentos em São Paulo, ver a dissertação de mestrado de Fany Lopes (2012).

⁹ Para maiores detalhes sobre o assunto, ver a dissertação de mestrado de Lúcia Stumpf (2014).

¹⁰ Para detalhes sobre este filme, ver a tese de doutorado de Márcia Juliana Santos, (2011).

dedicado à morte de Fernão Dias¹¹. Em 1956, Alfredo Roberto Alves realizou *Fernão Dias: o governador das Esmeraldas*¹². Por fim, em 1979 Osvaldo de Oliveira (1931-2010) voltou ao tema por meio do filme *O Caçador de Esmeraldas*, estrelado por Glória Meneses e Tarcísio Meira.

Na literatura, Paulo Setúbal escreve um romance histórico, em 1928, intitulado *A Bandeira de Fernão Dias*. Em 1935 retorna ao tema em *O sonho das esmeraldas*, com ilustração de Wash Rodrigues. Em outros romances, todos de qualidade literária limitada, mas com bastante aceitação popular, como as sucessivas reedições sugerem, o autor explorou a história de São Paulo. A 6 de dezembro de 1934, Paulo Setúbal foi eleito para cadeira número 31, na Academia Brasileira de Letras, sucedendo o historiador João Ribeiro¹³, o que demonstra o prestígio do escritor.

Todas essas narrativas, tanto no campo das artes plásticas como na literatura, devem ser analisadas em seus próprios contextos, tanto históricos como artísticos, sem ignorar os contextos institucionais e políticos. O que se quer nessas páginas é apenas registrar o alcance do investimento em torno das representações de Fernão Dias, para as quais os historiadores concorreram de modo decisivo. Alfredo Ellis Júnior e Alcântara Machado exploraram a vida e as andanças de Fernão Dias, mas ninguém levou mais longe o esforço historiográfico do que Afonso de Taunay, autor de *História geral das bandeiras paulistas*, em 11 volumes, publicados entre 1924 e 1950 (COSTA, 2001, pp. 97-122).

Fernão Dias e o Mosteiro de São Bento no século XVII

Embora tenha sido fundada em torno do Colégio dos Jesuítas, em 1554, a cidade de São Paulo também registrou desde cedo a presença da antiga Ordem de São Bento. Segundo Leonardo Arroyo, em 1598, o beneditino Frei Mauro Teixeira, vindo da Bahia, definiu o local entre os rios Anhangabaú e Tamandateí para fundar uma pequena capela sob a invocação de São Bento. Nesse local estava a aldeia de Inhambuçu, na qual vivia o cacique Tibiriçá. Não se sabe ao certo, mas dois ou três anos depois chegaram a São Paulo outros três beneditinos: frei Antônio de Assunção, frei

¹¹ Sobre este filme, ver a obra de Eduardo Morettin (2013).

¹² Para aprofundamento sobre este filme, ver a dissertação de mestrado de Tereza Bertoni Gonçalves (1998).

¹³ Há poucos estudos sobre Paulo Setúbal, grande difusor da “epopeia bandeirante”. Sobre o autor, ver a biografia produzido por Fernando Jorge (2003).

Mateus de Ascensão e frei Bento da Purificação (ARROYO, 1954, p. 98). Não é nosso objetivo reconstituir a história dos beneditinos em São Paulo, mas certos eventos em meados do século XVII. Por volta de 1650 teria havido uma reconstrução da igreja, agora com o auxílio de um dos grandes da terra, o capitão *Fernam Diaz Paes*, como se grafava a época¹⁴. Segundo um cronista anônimo, citado por Leonardo Arroyo (1954, p. 101):

(diante) da pequenhês do Mosteiro, o aperto em que estavam os monges, e pouco cômodo que tinham, como homem de bem, pediu ele mesmo aos religiosos, que para que mais comodamente pudessem louvar a Deus queria ele fazer sua nova Igreja ao pé daquela primeira fundada pelo padre frei Mauro toda a sua custa.

Afonso de Taunay, na *História Antiga da Abadia de S. Paulo*¹⁵, afirma que o Mosteiro de São Bento, em 1646, pediu ajuda à Câmara da vila de São Paulo para reverter o estado de penúria de suas edificações. Nesse cenário que interveio “com uma grande demonstração de generosidade (...) um dos maiores vultos do sertanismo, o mais tarde celeberrimo governador das Esmeraldas Fernão Dias Paes Leme” (TAUNAY, 1927, p. 72), nascido, provavelmente, nas imediações da vila de São Paulo, em 1608, em uma família bem assentada e aparentada da capitania de São Vicente. Em 1650 ele tornara-se protetor e benfeitor do Mosteiro, prontificando-se em reformar a antiga capela, “tão apertada de nela mal cabem 20 pessoas”, tal como consta no *Livro do Tombo do Mosteiro de São Bento da cidade de São Paulo*¹⁶. De fato, construiu-se um novo mosteiro e uma nova igreja no mesmo lugar onde ficavam as primeiras e precárias edificações, local onde hoje se localiza o conjunto arquitetônico do Mosteiro de São Bento, no largo homônimo, localizado no triângulo histórico do Centro de São Paulo.

Pelas informações que sobreviveram e constam no citado *Livro do Tombo*, Fernam Diaz teria custeado três novos altares, um púlpito e a construção de um novo dormitório para os

¹⁴ O nome Fernão Dias Paes Leme foi difundido por Pedro Taques – seu sobrinho-neto – por questões nobiliárquicas e genealógicas.

¹⁵ Este livro foi construído a partir da transcrição de um documento chamado “Para o registro e dietário do Mosteiro” cujo autor foi, para Taunay, o frei Angelo do Sacramento, sobre quem não pude encontrar maiores informações.

¹⁶ Trata-se de um conjunto de documentos coligidos pelo frei Martinho Johnson (O.S.B), publicado pelo mosteiro de São Bento em 1977, com prefácio de Sérgio Buarque de Holanda JOHNSON, 1977, p. XXVI.

religiosos. Na obra trabalharam vários indígenas sob suas ordens, na condição de cativos¹⁷. Além disso, o capitão Fernam Diaz passou a contribuir anualmente para a manutenção da igreja, o que continuaria a fazer enquanto viveu. Ainda, comprou terras em leilão na região conhecida como Tijucuçu ou fazenda São Caetano, onde os beneditinos já possuíam propriedades, para contribuir na renda do Mosteiro (ARROYO, 1954, p. 103). Em contrapartida, os beneditinos ofereceram a ele, sua esposa e seus descendentes diretos a obtenção de um jazigo perpétuo, em frente ao altar-mor. Na cultura aristocrática do Antigo Regime ibérico e católico, possuir sepultura digna, em local privilegiado no interior de uma igreja, conferia não só a ele, mas aos seus descendentes, afetação de fidalguia e distinção, bens simbólicos altamente valiosos naquela sociedade.

No *Livro do Tombo do Mosteiro de São Bento* há um documento datado de 07 de janeiro de 1650, lavrado pelo tabelião André de Barros de Miranda, intitulado “Treslado da Escritura do Capitão Fernão Dias Paes de fazer a Igreja com obrigação de Sepultura na Capela-mor”. Ficam claros os vínculos entre os beneditinos e o sertanista. A citação é longa, mas esclarecedora.

Saibam quantos este público Instrumento de Contrato e composição, deste dia para todo sempre virem que no ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil seiscientos e cinquenta anos, aos dezessete dias do mês de janeiro do dito ano desta vila de S. Paulo da Capitania de S. Vicente, Estado do Brasil e aqui nesta dita vila no Convento do Patriarca São Bento aonde eu tabelião fui chamado; aí estavam presentes o Reverendo Padre da dita Ordem o Doutor Frei Gregório de Magalhães, e o Padre Presidente Frei Feliciano de Santiago, e o Padre Prior Frei Jeronimo do Rosário (...), e bem assim estava presente o Capitão Fernão Dias Paes morador desta dita vila (...). Foi dito a mim Tabelião perante as testemunhas adiante nomeadas, e assinadas, que eles estavam concertados e compostos de mão comum, e boa conformidade com ele dito Capitão Fernão Dias Paes, que ele lhe fazia a Igreja nova que ora pretendiam fazer da Invocação de Nossa Senhora de Monserrate acabada de tudo o necessário, por cujo benefício, que lhes assim fazia, eles ditos padres e mais religiosos lhes davam a Capela mor da dita Igreja para ele, e para todos os seus herdeiros e descendentes, que após ele vierem, e descenderem, na qual Capela mor se faria um carneiro para ele, e todos seus herdeiros legítimos serem sepultados (...); pelo que logo por virtude desta pública escritura disse ele Capitão Fernão Dias Paes, e em seu nome, e de todos seus herdeiros e descendentes, que se obrigava, como de efeito logo se obrigou a fazer a dita Igreja, e acabar de todas as coisas a ela necessárias: a saber, a dita Capela mor armada com seu retábulo, ornamentos, castiçais, lampadário, e todo o mais necessário ao ministérios do dito altar; e o corpo da Igreja com seu coro alto, e torre, e púlpito, grades da dita Igreja, e bancos para assentos dela; e eles os Padres e mais religiosos em seu nome, e em nome dos mais que adiante vierem, se

¹⁷ John Manuel Monteiro informa que, na primeira metade do século XVII, os grandes ataques bandeirantes aos indígenas guaranis aldeados pelos jesuítas espanhóis dotou o planalto paulista de considerável força de trabalho formado por índios escravizados, proporcionando riqueza aos moradores de serra acima. Fernão Dias esteve entre os bandeirantes que atacaram o Guayrá (MONTEIRO, 1994, pp. 57-98).

obrigam, como de efeito logo obrigarão a lhe darem a dita Capela mor da dita Igreja para eles e todos seus herdeiros ascendentes, e descendentes para que a possuam, e logrem como coisa sua própria, na qual Capela mor se há de fazer um carneiro no meio dela, e nas duas ilhargas duas sepulturas para que sejam enterrados (...); e na Capela mor não se enterrará mais alguma pessoa, senão as atrás declaradas, nem eles os ditos Padres presentes, e que adiante vierem, não enterrarão nela pessoa alguma, e se obrigam mais eles ditos Padres em seu nome, e dos mais que lhe sucederem que tanto que o dito Fernão Dias Paes falecer, e sua mulher, tendo a, os irão buscar à porta da Igreja do dito Convento para serem sepultados em sua sepultura [...] (JOHNSON, 1977, pp. 72-75)”.

O frei Martinho Johnson foi organizador e comentarista do *Livro do Tombo do Mosteiro de São Bento*, em nota de rodapé, provavelmente baseado nos estudos genealógicos de Pedro Taques, aponta uma hipótese para os vínculos entre o Mosteiro de São Bento com o capitão Fernam Diaz Paes. O frei beneditino Jerônimo do Rosário Ferraz de Araújo – que havia chegado ao Brasil em 1646, tornando-se prior e abade do mosteiro até 1661 – era considerado como um homem de “inteligência e indústria”. Ele era irmão de Manuel Ferraz de Araújo, que por sua vez era casado com Verônica Dias Leite, irmã de Fernam Diaz Paes. É possível que outros interesses e tramas, familiares ou não, tenham atuado entre o chefe paulista e o mosteiro de São Bento. No entanto, o investimento na aquisição de bens simbólicos junto à Igreja, tal como realizou Fernão Dias, era uma estratégia bastante comum no esforço de distinção social nos marcos da cultura do Antigo Regime português. Essa estratégia passava pelas redes clientelares e de parentesco. *Fernam Diaz* morreu em 1681, nos sertões desconhecidos, em local chamado Sumidouro, próximo a atual divisa entre os estados de Minas e Espírito Santo. Mas seu filho, Garcia Rodrigues Paes, trouxe o corpo do velho chefe de clã, embalsamado, até a capela-mor do Mosteiro de São Bento.

Fernão Dias e o Mosteiro de São Bento no princípio do século XX

Afonso de Taunay foi o maior promotor e difusor da memória de Fernão Dias, em textos e monumentos. E o fez enquanto foi professor do “Gymnasio de São Bento”, instituição escolar foi fundada em 1903, por iniciativa de Dom Miguel Kruse (1864-1929), o religioso alemão que reconstruiu o mosteiro. Taunay esteve entre os professores que participaram da fundação, tendo permanecido como lente do Gymnasio até 1934, quando passou a ocupar a Cátedra de História da

Civilização Brasileira na recém-fundada Universidade de São Paulo¹⁸. A partir de 1906 o Colégio passou a abrigar um renomado internato e atraiu estudantes da capital, do interior e mesmo de outros estados¹⁹. Engenheiro de formação, Taunay foi professor de várias disciplinas, como aritmética e álgebra, física, química, além de história universal e do Brasil (ALEIXO, 1977, p. 147). Mas Taunay não apenas foi professor do Gymnasio de São Bento, como também escreveu sobre o próprio mosteiro, publicando, em 1927, *História Antiga da Abadia de S. Paulo*. No livro, o historiador empenhou-se em descrever a importância de Fernão Dias para a história de São Paulo:

Não há talvez nos nossos annaes de colônia nome mais historicamente prestigioso e popular do que este do grande bandeirante seiscentista, do incansável explorador dos imensos e ignotos sertões do ‘Guayrá’, dos ‘Itatins’, do ‘Ibituruna’, dos ‘Cataguazes’, hoje territórios do Paraná, Mato Grosso, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, do Uruguai, Minas Gerais, Bahia, o famoso Governador das Esmeraldas, a quem Bilac intitulou Caçador de Esmeraldas, aumentando-lhe o já tão largo renome graças ao estro dos admiráveis alexandrinos em que lhe celebrou vitória (TAUNAY, 1927, p. 73).

Sob a liderança do beneditino Dom Miguel Kruse, um novo e enorme complexo beneditino foi construído entre 1910-22. Ainda hoje o templo ocupa a cena urbana no centro de São Paulo. A pedra fundamental foi colocada no dia 13 de novembro de 1910. A demolição do antigo templo fez-se com cuidado para preservar os restos de Fernão Dias Paes, sepultado sob o altar-mor:

Aberto o tosco jazigo foram encontrados um fêmur de homem agigantado, duas ou três vertebrae do sacro, pedaços de parietal e de occipital, a que aderiam restos de cabeleira ruiva, encanecida de cabelos muito finos, de sujeito indubitavelmente branco. Ao lado havia duas solas de sapatos, sem salto, bem conservadas, pedaços de cordão como os de S. Francisco e galão de prata, e, o que é mais curioso, uma grande funda de ferro guarnecida de couro para hérnia, apoiada numa cinta também de ferro e cujo uso devia ser sobremaneira incomodo para indivíduos menos rudes que o estoico bandeirante (TAUNAY, 1926, p. 70).

Para Taunay não havia dúvidas de que os restos mortais encontrados em 1910 eram de Fernão Dias e de sua esposa, Maria Garcia Betim. Afonso de Taunay era um homem de arquivo, conhecia a documentação de época e dominava toda bibliografia disponível sobre o assunto. Está fora de dúvida a sua vontade em monumentalizar os bandeirantes. Chama a atenção a menção ao

¹⁸ Sobre a Taunay e a historiografia, ver o recente texto publicado pela historiadora Karina Anhezini (2017).

¹⁹ O jovem Sérgio Buarque de Holanda foi aluno do Ginásio São Bento e teve aula com Afonso de Taunay, quem sucederia na direção do Museu Paulista, a partir de 1946. O sucesso do colégio impulsionou o Mosteiro de São Bento a fundar a Faculdade de Filosofia do Brasil, embrião da futura Universidade Católica de São Paulo.

“fêmur de homem agigantado”, “a cabeleira ruiva”, “os cabelos muito finos”, enfim, a condição de homem “indubitavelmente branco”. O grande patriarca só poderia ser grande e branco. De qualquer maneira, todas as representações de Fernão Dias elaboradas no período assim o foram.

Quando da conclusão geral das obras, em 1922, o abade Dom Miguel Kruse agradeceu a devoção e a piedade do longínquo sertanista: teria sido essa “a legítima pedra de Fernão Dias Paes, a verdadeira esmeralda que encontrou e deixou aos posteriores” (ARROYO, 1954, p. 104). A convivência entre o abade Dom Miguel e Afonso de Taunay, nas lidas do Mosteiro e do colégio, foi decisiva para que os beneditinos do começo do século XX resgatassem a figura de Fernão Dias, cujas ligações com o Mosteiro eram diretas e pessoais, associando-se à epopeia bandeirante em produção naqueles anos.

Em 1922 – mesmo ano em que se inaugurou a estátua de Brizzolara no Museu Paulista –, o Mosteiro de São Bento também rendeu homenagens a Fernão Dias a fim de “eternizar” a memória do velho sertanista e amigo dos beneditinos. O escultor Adelbert Gresnigt (1877-1956) realizou uma escultura em baixo-relevo dedicada a Fernão Dias. Gresnigt esculpiu, em bronze, uma efígie do bandeirante na fachada lateral da nova Igreja beneditina, de frente à rua Florêncio de Abreu.

Embora as obras de Brizzolara e Gresnigt sejam do mesmo momento histórico, representam o bandeirante de forma diversa. A obra de Brizzolara lembra o quadro de Benedito Calixto (1953-1927) – *Domingos Jorge Velho e o loco-tenente Antônio Fernandes de Abreu* (1903) –, ao passo que a representação de Fernão de Dias, de Gresnigt, foi baseada nos traços de um descendente em linha masculina do próprio bandeirante, afirma Taunay. Na base da imagem, é possível ler a frase em latim: *Ferdinandus Paes Leme Fundator*.

Figura 3: Reprodução digital de pintura executada por Benedito Calixto e intitulada *Domingos Jorge Velho e o locotenente Antônio Fernandes de Abreu*, 1903. Óleo sobre tela. 140 x 100 cm. Acervo do Museu Paulista-USP.



DOMINGOS Jorge Velho (Benedito Calixto). Museu Paulista.

Figura 4: Reprodução fotográfica de escultura em bronze contendo a efígie de Fernão Dias Paes em baixo relevo, realizada por Adelbert Gresnigt (1922), localizada na fachada lateral do Mosteiro de São Bento, em São Paulo.



FONTE: (JOHNSON, 1977, p. 72 e 202).

Eis a fórmula que os padres beneditinos encontraram para inscrever a história de Fernão Dias e de São Paulo, segundo as narrativas hegemônicas na época, na sua própria história, associando-se. No entanto, cumpre reforçar que é Afonso de Taunay o grande artífice dessa operação memorialística. Voltemos a escolha do modelo que serviu de inspiração da effigie de Fernão Dias, segundo a narrativa de Taunay (1927, p. 74):

(...) tão expressivo na sua virilidade, idealizando-se o rosto do descobridor, de que não havia retrato, e como é de praxe, segundo os traços nobres e austeros, de seu quinto neto, em linha varonil, e sr. dr. Pedro Dias Gordilho Paes Leme, um dos vultos aristocráticos de realce pelas maneiras e cultura, de que se pôde orgulhar o nosso segundo império, cheio de raça si nos é permitido o galicismo expressivo, até a raiz dos cabelos.

A passagem de Taunay expressa a dimensão patriarcal, racial e de classe que o efeito de memória em torno de Fernão Dias assume. O bandeirante é retratado como branco, de traços finos (eliminando a possibilidade de mestiçagens indígenas, como grande parte dos moradores do planalto paulista do século XVII), aristocrático e viril. Fica evidente o esforço de apresentar a velha elite luso-brasileira, dita quatrocentona, como descendente dos bandeirantes.

Concluída a reforma, os restos mortais de Fernão Dias foram novamente sepultados no centro da Igreja, acompanhado de cerimônia. Na lápide sepulcral de Fernão Dias e Maria Garcia Betim, no transepto da igreja do mosteiro de São Bento, descerrada em agosto de 1922, está expressa “a gratidão beneditina”. Dom Miguel Kruse escolheu seis figuras para as paredes externas da Igreja, todas elas ligadas à história do templo beneditino. São elas: Anchieta; frei Mauro Teixeira; Amador Bueno; Fernão Dias Pais; frei Domingos da Transfiguração Machado, e Leão XIII.

Figura 5: Reprodução fotográfica do Mosteiro de São Bento, em São Paulo (c.1920).



FONTE: GAENSLY, Guilherme. “Mosteiro de São Bento”. Fotografia / Papel i: 21,5 x 28 cm. Gelatina / Prata. P&B. Coleção Instituto Moreira Sales.

A construção da memória pública de Fernão Dias, na década de 1920, foi um esforço coletivo do qual participaram associações privadas como o IHGSP, instituições públicas como o Museu Paulista e o Arquivo Público do Estado de São Paulo, além da imprensa, das editoras e, como vimos, da Igreja, representada pelo Mosteiro de São Bento. Ao longo das décadas seguintes, a memória bandeirante continuou a atuar poderosamente sobre o presente. Convém lembrar, a título de exemplo, que em agosto de 1943, o jornal *O Estado de S. Paulo* noticiou a realização da benção da expedição Roncador-Xingu, cujo objetivo era atingir a Serra do Roncador, no norte de Mato Grosso. A moderna expedição – ligada à *Fundação Brasil Central*, um órgão do Estado Novo – foi associada pelos paulistas dos anos de 1940, aos velhos bandeirantes de outrora, a ponto de realizarem a benção da expedição em frente ao Mosteiro de São Bento, como nos tempos idos, em clara alusão à partida das antigas expedições que, afirmava Afonso de Taunay, saíam do velho Mosteiro. Trata-se de clara evocação da memória, com tudo que há de extemporâneo nisso:

(...) São Paulo dos séculos XVII e XVIII, dos bandeirantes que daqui partiam para o alargamento das nossas fronteiras, realizou-se na manhã de ontem, na Basílica de São Bento, uma significativa cerimônia junto ao túmulo de Fernão Dias Pais Leme. Quando São Paulo, que hoje nos enche de orgulho com o arrojo dos seus arranha-céus, a variedade das chaminés das suas fábricas e o movimento das suas ruas e praças, quando São Paulo era uma vila tosca, uma cidadezinha silenciosa e pacata, realizavam-se, de tempo em tempos, cerimônias como a de ontem: benção da bandeira que intrépidos sertanistas conduziram consigo na sua arrojada marcha pelos sertões (O ESTADO DE S. PAULO, 1943).

O simbolismo do Mosteiro de São Bento, “junto ao túmulo de Fernão Dias”, servia como efeito legitimador e engrandecedor dos interesses públicos e privados daqueles dias de 1943. Como sugere Roger Chartier, as representações do passado são carregadas de vontade de poder (CHARTIER, 1991, p. 188). Na referida cerimônia compareceram, entre outros nomes, o tenente-coronel Matos Vanique, chefe da Expedição Roncador-Xingu; Gabriel Monteiro da Silva (representando o prefeito Prestes Maia); o cônsul dos Estados Unidos, Arnold Tshudy; o presidente da Federação das Indústrias, Roberto Simonsen; o intelectual modernista Menotti del Picchia; diretor-geral do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, Cândido Mota Filho; e, claro, o diretor do Museu Paulista, Afonso de Taunay. As representações do passado nunca são inocentes.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUD, Katia Maria. *O sague intemorato e as nobilíssimas tradições: a construção de um símbolo Paulista, o bandeirante*. Tese de Doutorado em História. São Paulo: FFLCH-USP, 1985.

ALEIXO, José. *Afonso de Taunay e o Mosteiro de São Bento*. Palestra proferida no IHGSP, no centenário de nascimento do ilustre historiador. São Paulo, 1977.

ANHEZINI, Karina. *Um metódico à brasileira: a historiografia de Afonso de Taunay (1911-1939)*. Tese de Doutorado em História. Franca: PPGH-Unesp, 2006.

_____. “A construção de Afonso Taunay como historiador e objeto de estudo”. In: OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles (ORG). *O Museu Paulista e a gestão Afonso Taunay: escrita da história e historiografia, séculos XIX e XX*. São Paulo: Museu Paulista, 2017.

ARROYO, Leonardo. *Igrejas de São Paulo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

BILAC, Olavo. “O caçador de esmeraldas”. In: *Poesias: antologia*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

- BLAJ, Ilana. “Mentalidade e sociedade: revisitando a historiografia sobre São Paulo colonial”. In: *Revista de História*, FFLCH-USP, São Paulo, n. 142-143, 2000.
- BREFE, Ana Claudia Fonseca. *Um lugar de memória para a Nação. O Museu Paulista reinventado por Afonso d'Escragnoille Taunay (1917-1945)*. Tese de Doutorado. Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. 1999.
- CHARTIER, Roger. “O Mundo como representação”. *Estudos Avançados*, 11 (5), 1991.
- COSTA, Wilma Peres. “Afonso Taunay e a História Geral das Bandeiras Paulista”. In: MOTA, Lourenço Dantas (org.). *Introdução ao Brasil: Um Banquete no Trópico*. São Paulo: SENAC, 2001, v. 2, p. 97-122.
- DEBES, Célio. *Washington Luís*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1993, 2 vols.
- DOSSE, François; DELACROIX, Christian, GARCIA, Patrick. “O momento metódico”. In: *Correntes históricas na França - séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2013.
- FERREIRA, Antônio Celso. *A epopéia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- FERRETTI, Danilo. “O uso político do passado bandeirante: o debate entre Oliveira Vianna e Alfredo Ellis Jr. (1920-1926)”. Rio de Janeiro. *Revista Estudos Históricos*. 21 (41), 2008.
- GONÇALVES, Tereza Cristina Bertoni. *Fernão Dias: uma trajetória cinematográfica*. Dissertação de Mestrado em Multimeios. Campinas: Instituto de Artes – Unicamp, 1998.
- HANSEN, Patrícia Santos. “Golpes de Memória usos políticos de Olavo Bilac no século XX”. In: *Revista do IEB*, n. 61, 2015.
- JOHNSON, Martinho (O.S.B). Org. *Livro do Tombo do Mosteiro de São Bento da cidade de São Paulo*. São Paulo: Mosteiro de São Bento, 1977. Prefácio de Sérgio Buarque de Holanda, p. XXVI.
- JORGE, Fernando. *Vida, obra e época de Paulo Setúbal: um homem de alma ardente*. São Paulo: Geração Editorial, 2003.
- LOFEGO, Sílvio Luiz. *IV Centenário da cidade de São Paulo: uma cidade entre o passado e o futuro*. São Paulo: Annablume, 2004.
- LOPES, Fany Tamisa. *Cenografia e paisagem urbana: um estudo de caso da cidade de São Paulo*. Dissertação de Mestrado em História. Campinas: IFCH-UNICAMP, 2012.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

MAKINO, Miyoko. *A construção da identidade nacional: Afonso de E. Taunay e a decoração do museu paulista (1917-1937)*. Tese de Doutorado em História. São Paulo: FFLCH-USP, 2003.

MARINS, Paulo Garcez. “O Parque do Ibirapuera e a construção da identidade paulista”. *Anais do Museu Paulista*, v. 6/7, 2003.

_____. “Nas matas com pose de reis: a representação de bandeirantes e a tradição da retratística monárquica europeia”. *Revista do IEB*, n. 44, pp .77-104. São Paulo: IEB, 2007.

MONTEIRO, John Manuel. *Negros da Terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MORETTIN, Eduardo. *Humberto Mauro, cinema, história*. São Paulo: Alameda Editorial, 2013.

MOURA, Irene. *A cidade e a festa: Brecheret e o IV Centenário de São Paulo*. 2010. Tese Doutorado em História. PUC/SP, 2010.

O ESTADO DE S. PAULO, 08 de agosto de 1943.

OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles. *O "Espetáculo do Ypiranga": Mediações entre história e memória*. Tese apresentada à Divisão de Acervo e Curadoria do Museu Paulista (USP). Concurso de Livre Docência, 2000.

SANTOS, Márcia Juliana. *Da capital bandeirante às imagens do cinema institucional de São Paulo, 1930-1940*. Tese de Doutorado em História. São Paulo: PUC/SP, 2011.

SANTOS, Márcio Roberto Alves dos. *Bandeirantes Paulistas no Sertão do São Francisco*. São Paulo: Edusp, 2017.

SOUZA, Laura de Mello e. “Texto introdutório, Vida e morte do bandeirante”. In: *Intérpretes do Brasil*, volume I, 2ª edição, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

STUMPF, Lúcia. *A terceira margem do rio: mercado e sujeitos na pintura de história de Antônio Parreiras*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: IEB-USP, 2014.

QUEIROZ, Maria Izabel Pereira de. “Ufanismo Paulista: vicissitudes de um imaginário”. In: *Revista da USP*, n. 3, 1992.

TAUNAY, Afonso de. “Frei Gaspar da Madre de Deus”. In: *Revista do IHGSP*. Tomo XX, 1915.

_____. “Pedro Taques e seu tempo: Estudo de uma personalidade e de uma época”. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. Tomo 1. 1922.

_____. *Índios! Ouro! Pedras!* São Paulo: Melhoramentos, 1926.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

_____. *História Antiga da Abadia de S. Paulo*. São Paulo: Tipografia Ideal, 1927.

_____. “A Grande Vida de Fernão Dias Pais”. In: *Anais do Museu Paulista*. Tomo IV, São Paulo: Typografia Diário Oficial, 1931.

VALLE, Franco Della. *Vida e morte do bandeirante: Alcântara Machado e a produção da história paulista*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH-USP, 2015.

WALDMAN, Thais Chang. *Descaminhos bandeirantes*. Tese de Doutorado em Antropologia. São Paulo: FFLCH-USP, 2018.